



Nota de apresentação

Nas últimas décadas, o campo de Estudos Portugueses no Brasil tem evoluído e seguido diferentes direções, mas o Centro de Estudos Portugueses da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais orgulha-se de contribuir com esta publicação desde 1979, graças ao esforço e à generosidade de vários editores, autores e revisores científicos.

Agradecendo esta oportunidade de contribuir para o fortalecimento científica do campo de estudos, esperamos que a *Revista do Centro de Estudos Portugueses* continue a fazer este excelente trabalho por muitos e bons anos.

Este número da *Revista do Centro de Estudos Portugueses* é dedicado à temática “Mulheres Artistas: do modernismo à contemporaneidade”, esperando dar continuidade ao reconhecido trabalho de excelência da publicação no fomento da produção teórica, crítica e ensaística na área de Literatura Portuguesa, permitindo que pesquisadores de diversos pontos do Brasil e do exterior divulguem as suas pesquisas e contribuam para o debate qualificado nesta área de estudos.

Este dossiê ganha uma dimensão simbólica por vir a lume no ano em que celebramos o cinquentenário da democratização da sociedade portuguesa, colocando um ponto final em 48 anos de repressão e perseguição, a temível “longa noite do fascismo”. Em tempo de celebração é justo lembrar as vítimas desse regime hediondo e impiedoso, que construiu uma máquina de propaganda e de repressão que não aceitava a diferença e a diversidade. Por isso, este número pretende homenagear Mulheres Artistas em contexto de língua portuguesa — uma categoria duplamente marginalizada, subalternizada, silenciada e invisibilizada pelo regime autoritário e repressivo fascista português que vigorou entre 1926 e 1974. Infelizmente, esse contexto patriarcal e misógino não foi exclusivo da ditadura portuguesa, sendo reconhecível em vários outros espaços e tempos. Este volume também sinaliza algumas dessas invisibilidades e silenciamentos, expandindo o seu recorte para outros casos anteriores ou posteriores, em intensidade e grau variável, mas que importa não desvalorizar.

O volume reúne 12 textos que os editores decidiram organizar de uma forma coerente, ordenando-os por uma lógica espacial, cronológica ou temática. No entanto, cada artigo é autônomo e pode ser lido individualmente ou reordenado no ato da leitura, em função dos interesses específicos de quem lê.

Fabio Mario da Silva (Universidade Federal Rural de Pernambuco) apresenta a revista *Europa. Magazine mensal*, dirigida e editada em 1925

por Judith Teixeira, vista como o ponto de viragem para a tendência modernista da autora. Apesar de apenas três números publicados, Silva analisa o conteúdo inovador (modernista e vanguardista) da revista e o contexto de turbulência vivido na altura tanto em Portugal quanto na Europa.

Jorge Vicente Valentim (Universidade Federal de São Carlos) propõe uma reflexão sobre a presença de algumas mulheres artistas no elenco de participantes no Neorrealismo português, sobretudo no campo literário, entre as décadas de 1940-1960. Valentim reconhece que certas obras, como as de Judith Navarro, Lília da Fonseca e Maria Archer, atestam a adesão de mulheres escritoras à estética neorrealista, seja de forma direta e incisiva, seja de maneira indireta e eventual, dando visibilidade ao que considera ser um relevante gesto de resistência no cenário português do Estado Novo Salazarista.

Karina Frez Cursino e Silvio Renato Jorge (Universidade Federal Fluminense) trazem uma reflexão conjunta sobre o encontro interartístico entre o romance *A cidade de Ulisses* (2017), de Teolinda Gersão, e os seguintes quadros de Maluda (Maria de Lourdes Ribeiro): *Lisboa III* (1973), *Lisboa XXXII* (1986), *Lisboa XXXIII* (1987), *Janela XXVIII* (1987) e *Janela XIX - Lisboa* (1981). Cursino e Jorge destacam diversos aspetos do diálogo interartes, entre a literatura e as artes plásticas, mais especificamente, entre romance e pintura, a partir das representações da cidade de Lisboa que as duas artistas propõem.

Roberta Guimarães Franco e Júlia Fonseca Gomes (Universidade Federal de Minas Gerais) destacam as potencialidades das múltiplas impressões que culminam nas novas noções apreendidas na literatura que tem como marco o 25 de abril de 1974 em Portugal, mas já produzida no século XXI. Partindo da obra *Eliete: a vida normal* (2018), de Dulce Maria Cardoso, e dos estudos de gênero, Franco e Gomes investigam os redimensionamentos provocados pelas reformulações da realidade por meio da linguagem da dimensão feminina no pós-Revolução dos Cravos.

Roberto Xavier de Oliveira (Universidade Estadual Paulista) aborda a hibridização literária que se nota na obra *As meninas* (2008), texto de Agustina Bessa-Luís a respeito da pintora luso-britânica Paula Rego. Oliveira identifica a hibridização genológica como uma das características que Agustina Bessa-Luís utiliza em seus textos que versam a respeito de figuras históricas, utilizando o seu ofício de romancista para dar conta dos elementos biográficos de Paula Rego que são apropriados numa diegese fictícia da vida da pintora.

Fabiane Renata Borsato (Universidade Estadual Paulista) apresenta um estudo de três cordéis de Salete Maria da Silva – *Embalando*

meninas em tempos de violência (2001), *Mulheres do Cariri: mortes e perseguição* (2001) e *Não ao tráfico de mulheres pra exploração sexual* (2014) –, destacando o tom panfletário e sua intenção de interagir com interlocutoras do gênero feminino, visando à mudança de atitude e à ação de denúncia dos crimes por elas sofridos. Borsato analisa as vozes narradoras dos poemas, a presença da paródia nos intertextos com as cantigas populares, a rutura de regras tradicionais da poesia de cordel, o emprego do discurso direto nas narrativas e a filiação da poeta a um novo modelo narrativo-expositivo-ativista de poesia de cordel.

Jonas Leite (Universidade Federal de Pernambuco) analisa o livro *Terceto para o fim dos tempos* (2017), de Maria Lúcia Dal Farra, que trata a fragilidade humana frente à perda e ao caos. Leite analisa o que denomina por Poética do Implacável, destacando que os temas explorados ganham potência apocalíptica: é a banalização da violência, a dor da mãe por seu filho morto ou abortado, misturadas com cenas banais de, por exemplo, uma paisagem trivial de praia, criando-se, assim, uma atmosfera ácida, trágica, grotesca.

Juliana dos Santos Gelmini (Universidade Estadual do Rio de Janeiro) analisa o projeto poético de Marília Garcia, a primeira mulher brasileira a conquistar o Prêmio Oceanos de Literatura com o livro *Câmera lenta* (2017). Gelmini propõe reconhecer a voz de Marília Garcia como exemplo da forte e decisiva expressão da poesia de autoria feminina em língua portuguesa nos últimos anos, investigando os seus modos de deslocamentos (como tema e procedimento).

André Nemi Conforte e Bianca Pandeló (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) analisam o poema *Canto Eucarístico*, de autoria da escritora brasileira Adélia Prado, a partir de um método de análise e comentário de reconhecido valor didático-pedagógico, entende-se que seja profícuo tanto para o aprofundamento na poesia adeliana quanto para sua maior difusão. Conforte e Pandeló concluem que há um alto grau de desigualdades de oportunidade e acesso entre as próprias mulheres, ou seja, ainda que todas sofram as consequências de existir em uma sociedade que se organiza segundo uma lógica masculina, definitivamente não se encontram todas na mesma posição.

Gabriele Maris Pereira Fenerick (Universidade Federal do Paraná) oferece uma análise ao rol das personagens femininas do romance *Enervadas* (1922), escrito pela escritora Chrysanthème (pseudônimo de Cecília Moncorvo Bandeira de Mello Rebello de Vasconcellos), que revela uma visão crítica e feminista sobre a modernidade e confronta os valores tradicionais que restringem a liberdade e a autonomia das

mulheres, explorando as dinâmicas sociais às quais eram impostas no começo do século XX.

Ellen Mariany da Silva Dias e Letícia Palazzio (Universidade Estadual de Londrina) apresentam uma análise conjunta aos romances *O peso do pássaro morto* (2017) e *Pequena coreografia do adeus* (2021), ambos da escritora brasileira Aline Bei, enquanto um projeto literário que realiza a construção multifacetada de um feminino diante da complexidade da maternidade, do embate com o masculino e dos dilemas na reelaboração da identidade das personagens.

Vanessa da Costa Valentim (Universidade da Amazônia), Allan Sereja dos Santos (Universidade Federal da Integração Latino-Americana) e Luiz Rodrigo Brandão Pinheiro (Secretaria de Estado de Educação do Pará) propõem uma reflexão sobre como a simbologia da água se manifesta para criar metáforas na crônica literária *Ouçam os ruídos dos jacumãs*, da obra *Cão da madrugada* (1954), de Eneida de Moraes. Valentim, Santos e Pinheiro destacam a crônica literária como um gênero discursivo voltado para o lirismo provocado por um acontecimento real, estimulando a memória do cronista.

Esperamos sinceramente que estes textos possam ser um contributo relevante para o estado da arte das temáticas e campos específicos em que se inserem. Esperamos também que possa ser também um agente de difusão das obras destas Mulheres Artistas, para que possam ser mais valorizadas, apreciadas e estudadas. É impossível voltar no tempo, mas a academia e a ciência têm o dever de contribuir para os necessários processos de reparação histórica e de ajudar a reconstruir uma sociedade mais democrática e sustentável.

Boas leituras!

Fábio Mário da Silva (Universidade Federal Rural de Pernambuco)

Paulo Cunha (Universidade da Beira Interior)

Renata Soares Junqueira (UNESP-Araraquara)